

EROS E A ALMA FERIDA

Laudeci Amoêdo Saldívia

Resumo: A proposta deste ensaio é estudar, partindo do mito, o impulso arquetípico de Eros em sua função de agregar, unir e relacionar, não só os sexos, mas todos os fatores que nos atraem, unindo mundo externo e mundo interno, e que nos mantém em perpétuo movimento psíquico. Compreendê-lo como força geradora de vida, mas também em sua natureza sombria que seria responsável por nossas patologias.

Palavras-chave: Eros, sexualidade, arquétipo, patologia, instinto

Abstract: The purpose of this essay is to study, beginning from the myth, the archetypic impulse of Eros in its function of to increase, join and establish relationship, not only the sexes, but all the factors that attract us, connecting the outer and inner world, which maintain us in continuous psychic movement. To understand it like a .generating strenght of life, but even its shade nature which is responsible of our pathologies.

Key words: Eros, sexuality, archetype, pathology, instinct.

O amor é como Deus: ambos só se oferecem a seus serviços mais corajosos.
C. G.Jung (O.C. 10, 232)

A leitura do livro de Rafael Lopez-Pedraza, “Sobre Eros e Psique – um conto de Apuleio”, foi a verdadeira flechada de Eros na curiosidade latente em mim sobre esse mito. Nesse pequeno livro são abordados os vários aspectos dessa história de uma maneira diversa e inusitada – pelo menos, para essa leitora naquele momento. Apresenta Eros não só como um amante cuidadoso e dedicado, mas como instigador da desconfiança, do ciúme, da curiosidade e do comportamento intempestivo de Psique.

Os principais personagens atuam no conto como imagens arquetípicas representativas da cultura e da religião gregas, e são tratadas por Pedraza como padrões que correspondem psicologicamente à iniciação da alma no processo psíquico. Isto é, Eros seria o criador das condições básicas - a busca, o descontentamento, a frustração, a cobiça, a dúvida, a curiosidade - que a alma necessita para se aventurar em busca de seu próprio caminho. O autor aprofunda-se nas imagens mitológicas, comentando e analisando os diversos comportamentos desses personagens, em busca do motivo das atitudes contraditórias do deus em seu relacionamento com Psique.

Partindo dessa perspectiva, analisa Eros como metáfora arquetípica, ao mesmo tempo poética e sinistra, que nos direciona para a vida e as realizações, para a vivência da beleza e do amor em seus múltiplos aspectos, ou para toda a espécie de opostos: o impossível, o repulsivo, o indefinível, o compulsivo, o obsessivo, para todas as inconsistências que mutilam a alma.

A flecha certa de Eros, acertando minha curiosidade, despertou o desejo de tentar compreender, partindo do mito, o impulso arquetípico do Amor em sua função de agregar, unir e relacionar, não só os sexos, mas todos aqueles fatores que nos atraem, unindo mundo externo e mundo interno, e que nos mantém em perpétuo movimento psíquico. Compreendê-lo como força conectiva em sua ação geradora de vida, mas também, e principalmente, entender sua natureza sombria

que seria responsável pelo que pode haver de mais sinistro em nós, isto é, sua patologia. O que buscamos é o Eros menos apresentável, inapropriado, rejeitado, vulnerável, deficiente, sombrio, gerador de sofrimento.

Arquétipo vem do grego – arché thipos – e significa modelo primitivo, idéia inata (Brandão – 1987). Para Jung, são conteúdos do inconsciente coletivo; o homem traz dentro de si padrões arcaicos a priori que lhe proporcionam comportar-se de maneira especificamente humana e realizar seu padrão de comportamento. “Na medida em que os arquétipos intervêm no processo de formação dos conteúdos conscientes, regulando-os, modificando-os e motivando-os, eles atuam como instintos”.(Jung-1991). Estes padrões são também fantasias que apresentam imagens como comportamento instintivo. Essas imagens são os padrões e a forma do desejo.(Hilman-1992). O arquétipo e o instinto constituem um par de opostos; um pressupõe o outro como fatores correspondentes e ambos subsistem lado a lado. Portanto, se Eros é um deus luminoso, doador de energia e de vida, também traz em sua natureza um aspecto destrutivo, doentio, enfraquecedor, degenerativo, gerador de patologias diversas, motivador de processos sombrios. Conhecer e reconhecer Eros em sua natureza oposta é acolhê-lo e reverenciá-lo em sua integridade, em sua respiração, seu pulso que comanda os ciclos de começo e fim, nascimento e morte, sombra e luz, na desafiante tarefa de abordá-lo do ponto de vista dos seus aspectos mais sombrios, pois, idealmente, o concebemos apenas em suas qualidades positivas.

Na antiguidade existiam três categorias de seres – deuses, semideuses e homens.(Brandão-1987). Platão questiona essa divisão e acrescenta uma quarta espécie: a dos protetores intermediários entre imortais e mortais – os daimones. Através dos tempos, essa idéia veio se modificando; o daimon pode ser um espírito protetor, um gênio, um demônio, um protetor interno; pode ser também o caráter ou destino da pessoa ou um amigo da alma. E tem um caráter numinoso.(Hilman-1997)

Eros é um daimon, isto é, um deus, uma força arquetípica e o entenderemos aqui como função psíquica de relação, o que atrai para aquilo que é oposto, o desejo de união, o impulso sexual e os efeitos derivados dessas relações sobre a psicologia humana.

MÚLTIPLA ORIGEM, MÚLTIPLAS FACES

Significativamente o antigo Eros é um deus, cuja divindade ultrapassa os limites do humano e por isso não pode ser entendido nem descrito.

C. G. Jung (Erinnerungen), 355s

“No início era o Caos.” Assim começa a grande maioria dos mitos de criação. Assim também nasceu Eros, já que ele é o próprio início. De acordo com a Teogonia de Hesíodo - poeta arcaico grego que viveu por volta de 800 A.C., na Beócia, e que, juntamente com Homero, é um dos pilares da cultura grega antiga – do Khaos, que é o que não pode ser descrito, surgiu Gaia, a Terra. Envolvida em seu manto caótico, Gaia deu origem ao Céu como uma emanção de si mesma. Enquanto se dava essa divisão dos princípios cósmicos, nasce Eros, o Amor – princípio abstrato do desejo de união. Para Hesíodo, Eros é o motor do universo, comandando a união dos elementos cósmicos que deram origem a tudo.

Na tradição órfica, Eros originou-se de um ovo gerado pela Noite (Nix), a escuridão primordial, que, ao quebrar-se a casca, deu nascimento ao Céu e a Terra. Nessa versão, Eros aparece como princípio primeiro na criação do universo; é dele que derivam todos os demais elementos.

Mas é no “Banquete”, de Platão (Atenas – 428, 427 A.C), onde se discute a origem e os atributos do amor, que temos diversas versões dadas pelos ilustres poetas e intelectuais da Grécia. É uma reunião de homens na casa de Agaton onde cada um é chamado a falar sobre o Amor. Para Platão, ele é filho de Pênia (a pobreza) e Poros (o expediente, atividade lucrativa, riqueza). De acordo com esse relato, Zeus deu uma grande festa nos seus jardins para comemorar o aniversário de Afrodite. Durante a festa, Poros embabadou-se de ambrosia e adormeceu. Pênia, vendo-o, decidiu ter um filho com ele. Dessa união nasceu Eros. Simbolicamente, a união desses dois representa o desejo daquilo que não se possui, a riqueza do amor em seu estado de plenitude, a busca dessa plenitude e, também, a miséria do desejo latente, não realizado. O amor, então, para Platão é falta, é o desejo permanente daquilo que não se tem.

Uma das mais conhecidas versões da origem de Eros, no Banquete, é a de Aristófanes; a mais conhecida talvez porque nos remete ao amor que, idealmente, imaginamos. Conta, então, o poeta, que a humanidade tinha uma natureza diversa da que tem hoje. Os corpos dos homens eram esféricos, com quatro pernas e quatro braços e dois rostos que se colocavam de maneira oposta na única cabeça. Eram divididos em três sexos: os machos, as fêmeas e os andrógynos. Os machos tinham dois sexos de homem, as fêmeas, dois sexos de mulher e os últimos tinham ambos os sexos. Eram todos felizes porque eram constituídos por um todo completo. Eram bravos e fortes, por isso, tentaram escalar o céu para combater os deuses. Então, Zeus, para castigá-los, cortou-os ao meio, separando as duas metades. Desde esse momento, eles se procuram incessantemente, buscando a metade que perderam. Quando se encontram, tem a ilusão da completude mas, logo depois, voltam a sua busca. Essa busca, esse desejo é o que se chama Amor. A fábula de Aristófanes fala do amor como o entendemos, como sonhamos ou acreditamos que seja: total, absoluto, definitivo. Buscamos o que nos falta e que nos levará a completude. Por isso, talvez, essa seja a versão mais conhecida, mais lembrada.

Entre os filósofos modernos, Conte-Sponville, comenta essa versão em seu livro Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, discordando de que o amor é falta e busca da completude. Para ele, o que importa no amor não é a completude, nem a fusão com o outro, mas o maravilhamento do prazer, da relação amorosa, a gratidão pelo encontro que supõe a dualidade, a diferença. Parece-me mais interessante esta versão.

Ainda no “Banquete”, Eurípedes diz que existem dois Eros: O bom Eros nascido da Afrodite Urânia, que é uma deusa celestial, filha de Urano (Céu) sem a participação de uma mãe – castrado Urano por Cronos, sua genitália foi jogada no mar onde o sêmen em contato com a água deu origem à deusa; e o mau Eros ou amor carnal, filho de Afrodite Pandemia - filha de Hera – que representa a matéria, a Anima Mundi, o amor sexual, o desejo. Essa divisão feita por Eurípedes, remete a dupla natureza do instinto: o desejo sexual e o impulso para a transcendência, para o belo e o bom e, por consequência aos dois tipos de amor: o carnal e o transcendente, elevado, que busca Deus e a beleza – Eros e Ágape.

Para Simonides (séc. IV e V A.C.), Eros é filho de Afrodite e Ares, seu amante, e Cícero o filia a Ártemis e Hermes. Sócrates fala através da boca de uma mulher, Diotima, que nega que o amor seja um deus porque o que o amor deseja é o que lhe falta, o que o completa. A um deus não poderia faltar nada; então, Eros não é um deus. Ele é um intermediário entre dois extremos, um mediador entre as Idéias,

entre as dádivas divinas e os homens. Eros é um daimon. É um demônio ávido, nu, atento a sua caça, ardente, esfaimado, filho da pobreza, eternamente em falta. O que Sócrates nos conta é que Eros é falta, privação.

Mas o amor não é apenas falta, Eros seria a fonte de todo o bem, da beleza, da ordem, da harmonia (Empédocles- séc. V A.C.). O Amor (Philia) amizade seria também, então, um princípio organizador que busca o prazer e a harmonia. É o Amor que faz de alguém comum uma pessoa especial, dando -lhe um lugar e um significado, elegendo-o amado ou amigo, alguém que passa a ser referência constante porque distinto de todos. Aristóteles diz que a amizade é desejável por ela mesma e que consiste antes em amar do que ser amado. Há ainda Ágape que é o amor pela humanidade, o amor espiritual. A palavra grega (ágape) significa afeição, amor, estima, que a tradição cristã traduziu como caridade.

Na tradição monoteísta judaico-cristã, o orquestrador da criação é Jeová - um deus onipresente, onipotente, cuja existência é anterior ao caos do qual criou todas as coisas. Diferente dos gregos que eram politeístas. Seus deuses eram personificações das forças da natureza e, em atributos e comportamento, eram semelhantes aos homens dos quais diferiam apenas em poder e imortalidade. Mas a definição mais completa de Deus - se isso é possível - para a cultura ocidental é que "Deus é amor". Deus seria então equivalente ao Eros grego que é o iniciador de todos os processos de criação, tanto no macrocosmo como no microcosmo.

Na concepção de Spinoza, também o desejo não é falta; desejo é ação e amor é alegria. E podemos constatar que a emoção predominante entre pessoas que se amam é realmente a alegria. É a alegria que rege os momentos de quem sente prazer de estar junto. A alegria explícita é o primeiro sintoma mesmo quando ainda nem percebemos que estamos apaixonados.

Portanto, Eros é mais do que apenas desejo sexual, atividade sexual. Ele é o impulso para a união, o amor e o desejo em todas as suas formas. Estaríamos empobrecendo-o, despojando-o de sua numinosidade, do sagrado poder que possui se o víssemos, unilateralmente, como desejo sexual. Ele é uma força arquetípica, um daimon.

Desde o nascimento, Eros é um deus contraditório, ambíguo, de natureza fugidia e inapreensível mas que detém um poder absoluto sobre deuses e homens. Sua ambiguidade se revela nas diversas formas em que é representado. Devido a sua condição de daimon, Eros é representado com asas. Nas representações antigas, portava um archote e uma lira e tinha a aparência de um belo adolescente. Mais recentemente, passou a ser representado como uma criança que traz consigo arco e flecha - os romanos o chamavam Cupido - com os quais diverte-se , atormentando aqueles a quem atinge. Como Cupido, representa a eterna juventude do amor verdadeiro. Às vezes aparece com olhos vendados, simbolizando a liberdade característica dos amantes, a negação dos preconceitos e das convenções sociais. No "Banquete", Agaton o descreve e faz apologia dos seus atributos: "Todos os deuses são felizes; mas Eros - e creio que tal afirmação não é injusta nem ímpia - é ao mesmo tempo o mais feliz e o mais belo e o melhor dentre todos eles".

FALANDO DE EROS

É uma idéia tola que os homens têm. Eles acreditam que Eros seja sexo, mas está errado.

Eros é relacionamento.

C. G. Jung (Traumanalyse,203)

Falar sobre Eros é assumir um desafio. Em princípio, pela complexidade do tema. Como abarcar, num simples discurso, o ambíguo, o contraditório, a natureza fugidia de alguma coisa chamada Amor? Eros não se deixa perceber duas vezes do mesmo modo. Ocuparia, talvez, todos os adjetivos disponíveis num idioma sem se deixar definir por nenhum, porque é atributo de cada um nomeá-lo da maneira como o vê, da forma como o experiencia.

E, se por si, é tão indefinível, tão indescritível, como abordá-lo, como entender suas múltiplas facetas dentro de um estudo que se pretende acadêmico? Como tentar capturá-lo sem resvalar para aquele espaço mais profundo e mais denso da alma cuja tendência (ou função?) é metaforizar, é poetizar, é olhar com os olhos da beleza e da emoção? Talvez só mesmo a beleza consiga, de alguma forma, entrever Eros através dos olhos da alma. Só ela o desvela para si mesma e é ela quem o busca incessantemente. Para a psique, Eros é o movente; o que inicia e termina seus ciclos, que a mantém na busca, em eterno movimento. Ela é o movido, carente permanente de sua força e energia. Ele é o moto continuo da alma. Eros é, desde sempre, inseparável de psique.

Eros é um deus possessivo. Está na sua natureza isolar aquele a quem possui dentro da fantasia amorosa. Confunde e subverte a lógica do raciocínio – inaugura uma outra lógica que é exclusiva e que só faz sentido para aquele que a utiliza. Abaixa o nível de controle consciente, traz para o cenário os impulsos do instinto e da paixão de modo que o individuo caminha à beira de um abismo, sem ter a exata noção de onde está. O Amor cria uma realidade paralela, resignifica os conceitos e a linguagem, criando um novo código que é exclusivo daqueles que se amam.

Falar no Amor também é expor-se; esse é outro desafio. O objeto é inseparável do sujeito que o estuda ou tenta definir porque a alma, que se debruça sobre o assunto, não abre mão da sua participação, nem poderia; a lógica a ser utilizada será a dela, a da sua própria experiência, em suas palavras e expressão. E ele só se deixará apreender por ela; só ela o pode revelar, só ela pode vivenciá-lo em sua intensidade e beleza. Abordar esse assunto é dar voz aos nossos mais íntimos fantasmas, relacionar-se com a dimensão mais profunda do ser na tentativa de dizer o que é, fundamentalmente, indizível, o que, por definição, é mistério e silêncio.

Eros é um deus alado, mediador, um traço de união entre céu e terra, entre o concreto e o diáfano, entre corpo e espírito, entre deuses e homens – é um daimon, o maior de todos. A concepção grega de daimon equivale ao que modernamente chamamos de “intervenção psíquica” (Sales - 1990), metaforicamente, uma “flechada”, uma invasão do sistema psicológico, inesperada e completamente irracional, impossível de ser evitada. Não se pode confundir aqui o daimon grego com o demônio da tradição cristã. O demônio cristão representa o mal, o que é impuro, o que é oposto ao amor que representa a fonte de todo o bem.

Platão nos fala da possessão erótica como uma das quatro loucuras divinas, aquela que nos mantém em estado de alteração constante e que nos submete inteiramente ao seu poder.

Abordado pelas mais diversas áreas da atividade humana, mostra-se fugidio, inapreensível. Talvez, só mesmo a arte, aliada da beleza, possa contê-lo e revelá-lo em sua natureza divina e terrificante.

A ciência procurou “fotografá-lo” enquanto impulso nervoso no cérebro humano para descobrir que ele é luz - e como a luz, ilumina, mas não se revela.

A psicologia profunda tentou defini-lo: para Freud era sinônimo de libido, instinto, impulso básico da natureza humana; Jung ampliou esse sentido, aproximando-o mais da idéia do mito grego que o considerava, não só como deus do amor e do desejo sexual, mas como uma força cósmica que deu início a todo o universo. Isto é, uma força criativa, de integração, de união.

Platão e Plotino concebiam o amor como procedente da mente divina, algo que existe como idéia abstrata, como algo de sublime, transcendente, que busca o belo e o bom. Platão também nos fala do amor como conhecimento: amar é ser escolhido por Eros para conhecê-lo face a face, para descobri-lo, para relacionar-se com uma presença divina que nos altera, angustia e nos leva a nos tornarmos alguma coisa que não éramos, que nos transforma e nos faz nascer para uma nova existência. É uma possibilidade de crescimento sem a qual nos tornamos estéreis, pobres, vazios. O desejo é a força que nos faz enfrentar a necessidade de mudança, de criar rumos novos, de encher a vida de novos significados.

C. A. Sales, analista junguiano brasileiro, reportando-se a Jung, nos fala que a sexualidade constitui-se numa dimensão do processo de individuação, pois o chamado “instinto de Individuação” tem uma base erótica, um forte componente sexual que permite a integração entre o profano e o sagrado, uma idéia de totalidade sem a qual não é possível a vivência da espiritualidade. A atração entre os seres, assim como a vivência da espiritualidade, deriva de um certo grau de desenvolvimento psicológico, de maturidade e autoconhecimento.

Mas o nosso objetivo é abordar Eros pelo seu lado não idealizado, reprimido, descaracterizado como elemento criativo, deficiente, destruidor – o outro oposto do arquétipo, o lado negro da força, na intenção de reconhecê-lo, acolhê-lo e aceitá-lo como parte integrante de nós mesmos, como sombra consequente de sua luminosidade.

A ALMA FERIDA

Ali onde predomina o amor não há vontade de poder, e onde há predominância do poder, não há amor. Um é a sombra do outro.

C. G. Jung (OC 7, & 78)

Experienciado na sua melhor parte, Eros torna a vida erótica, apaixonante, cheia de encantos e alegria, liberando uma quantidade enorme de energia que nos move para a realização e criação de novos projetos. Mas também pode tornar a vida difícil quando nos direciona desastrosamente para o inadequado, para o grotesco, para as traições e os loucos apetites, pois todos temos um ponto vulnerável em que Eros é deficiente, enfraquecido ou ausente e que nos deixa sujeitos a sua patologia.

Não é difícil pensar em quadro patológico quando nos remetemos aos sintomas do amor – visão alterada da realidade, supervalorização da pessoa amada, restrição do campo das relações pessoais, projeções do ideal de beleza e perfeição, pensamento dominante que mantém a presença do outro mesmo quando este está ausente. Na tradição romântica, nos séculos XVIII e XIX, o amor era considerado uma doença. Adoecia-se de amor. Em alguns casos, os sofrimentos eram tão intensos que provocavam estados febris em que as pessoas definhavam até a morte. Amor e morte costumam estar nos enredos das histórias românticas como dupla inseparável.

Contudo, podemos sugerir conotações mais sinistras aos enredos de Eros, como os desvios de natureza sombria que prenunciam problemas e até desastres. Eros pode ser bastante demoníaco. Em sua função de conexão, ele não busca juntar-nos com aquilo de que gostamos, mas com

aquilo de que estamos inteiramente separados, com o que é diferente, com o que não possuímos, com o que rejeitamos e nos é completamente oposto, mesmo contra a nossa vontade, os nossos valores e princípios, nosso bom senso ou nossos julgamentos. Age através do desejo obsessivo pelo que não está ao nosso alcance, pelo indefinível, pelo ambíguo, pelo impossível, com a compulsividade daquilo que é perverso. Eros está fora de tudo o que estabelecemos como convencional, instituído, da ordem social; não obedece a limites ou padrões; é livre, alado, está suspenso entre o céu e a terra onde não há fronteiras estabelecidas. Exerce seu poder de atração independentemente de sexo, idade, beleza ou inteligência; ou perversamente, pelo que é contrário – o feio, o defeituoso, o discordante. Está sombriamente atuando por trás de todo tipo de abuso, na prostituição, na pornografia, nos excessos mais repulsivos, nas abominações mais terríveis. Esse é o Eros dos cantos escuros, dos segredos, da vida dupla, mas que não deixa de nos atrair para a violência dos noticiários, para as histórias, muitas vezes, repulsivas dos filmes, impregnados de sexo e violência. É como se olhássemos por uma fresta ou pelo buraco da fechadura; não estamos presentes no ato, não somos responsáveis, somos apenas espectadores – sabe-se lá com que tipo de desejo inconsciente!

Toda a força arquetípica negligenciada pelo nosso funcionamento psíquico tende a irromper de maneira inconsciente como impulsos constrangedores ou desagradáveis e até mesmo como doenças. Eros é uma força arquetípica e quando não honrado como deus, não reconhecido em suas necessidades, não reverenciado em seu poder, reprimido, submetido, ele volta em sua forma destrutiva, abominável, sombria, inconsciente, exercendo sua força pela fascinação do que é compulsivo e pela busca obsessiva de sua satisfação.

Como nos diz Guggenbühl-Craig (1997),

“Que não haja enganos: Eros não é nenhum salvador, ele não é a chave para se viver “feliz para sempre” [...] Muito da tragédia e comédia da vida, tristeza e alegria, desespero e júbilo resultam dos conflitos e confusão que Eros evoca. Estar apaixonado, por alguém ou algo, leva a sofrimento, conflito, problemas e frustrações, mas, a alegria e satisfação também.”

Por isso ele é tão fascinante, tão desejado e temido por homens e deuses. O amor gera medo porque, sendo uma experiência irrepetível, está sempre no nível elementar daquilo que se teme por ser desconhecido.

É tão fascinante e desejado porque, talvez intuitivamente, a alma saiba que sua chegada é que a transformará; porque talvez pressinta que seu destino está ligado a essa poderosa força que a arrancará da mediocridade, do comum, desenvolverá sua capacidade de sofrer, de conhecer-se e de recriar-se. Esse desejo pelo encontro com Eros seria um direito presumível, inconsciente, que todo o ser humano tem em relação ao processo de individuação.

Entretanto, Eros é responsável pela loucura e pelas possessões demoníacas, situações que aparecem frequentemente em psicoterapia e com as quais o terapeuta deve ter muito cuidado ao interferir diretamente com julgamentos e moralismos pois, se o deus se sentir desrespeitado, pode contaminá-lo com sua loucura – uma situação arquetípica é altamente contagiosa. A única coisa que o terapeuta pode fazer é respeitar o surgimento de Eros em suas infinitas manifestações. E Eros pode ser terrível em todas as tonalidades do espectro arquetípico.

Para examinar essas manifestações do arquétipo, teremos que nos deparar com o que chamamos de patologia e olhar com mais atenção para aquele algo de enfermidade que todos levamos dentro de nós. A doença pode constituir-se num sinal, numa busca inconsciente de saída de uma situação desordenada entre os elementos psíquicos. A doença nos exige envolvimento com os deuses negligenciados, nos pede reflexão e criatividade para decidir com eles que direção daremos aos nossos sofrimentos e, quando não podemos nos livrar deles, aceitá-los como nossa especificidade, aquilo que nos diferencia, que nos torna únicos. Como Psique, no conto de Apuleio, a alma aflita está sempre em busca de soluções que a levem ao seu objetivo. Eros é a doença de Psique, mas também é o que a move na direção do crescimento.

Eros é instinto, é emoção e irracionalidade. A repressão e a racionalização apenas potencializam sua força, propiciando seu surgimento de maneira distorcida e, muitas vezes, com manifestações psicossomáticas intensas. Nossa cultura ocidental cristã tentou despotencializá-lo, reprimindo a emoção erótica, projetando-o na figura do Cristo, portador e dispensador de todo amor, salvador da humanidade e, idealmente, desvinculado da sexualidade. Essa concepção do amor puro, separado da natureza do instinto, trouxe para o cenário da relação amorosa uma variedade infinita de conflitos que vão até mesmo a destruição física, a vidas fracassadas e arruinadas que derivam de toda a sorte de desvios de comportamento, coloridas por uma variedade de sintomas físicos e emocionais.

No século XIX, os padrões histéricos permitiram a Freud chegar às principais premissas de sua psicologia e a fazer dos sintomas conversivos o sucesso dos seus casos. Hoje, já não temos casos com aquelas características porque a repressão sexual é menos rígida do que naquela época; não temos mais mulheres pálidas, desmaiando de fraqueza ou mocinhas anêmicas, sofrendo de vapores. As formas que esses distúrbios assumem, mudam (Guggenbühl-Craig-1997.7) com o contexto cultural e esse daimon continua nos desafiando a decifrá-lo com teorias e explicações, enquanto nos engana com uma série de disfarces. Hoje, apenas os diagnósticos são mais modernos, incluindo desde dermatites até transtornos alimentares, dores generalizadas, etc., pois Eros continua a manifestar sua cisão através de sintomas psicossomáticos e neuróticos, fazendo-se presente pelas compulsões, obsessões, depressões, distúrbios sexuais, etc. Atualmente, há uma grande demanda - às vezes, insistência - por um diagnóstico nos consultórios de psicologia. Alguns já o trazem de outros profissionais - médicos ou psicólogos - e o exibem quase com orgulho. Há um imediatismo, uma necessidade de controlar e dar forma concreta ou um nome àquilo que nos atormenta e, com isso, ter a ilusão de que podemos nos livrar, sem muito envolvimento e, de preferência, rapidamente, do sofrimento que carregamos porque nossa época nos exige outro tipo de preocupação. Como se Eros pudesse ser colocado numa caixinha, identificada por um termo nosológico.

O Amor doente, abatido pela negação do desejo, da sexualidade, do seu objeto ou de suas tendências, num jogo de forças com um ego que não se rende, desperta neste o ódio àquilo que deseja inconscientemente. Quando entramos em contato, pela primeira vez, com um desejo que tem sido longamente negado e reprimido, o que experimentamos é ódio e desconfiança por aquilo que é objeto da nossa atenção e sobre ele projetamos toda a nossa sombra. Em psicoterapia, isso pode ser observado: no momento em que o paciente se dá conta da natureza dos seus desejos, é tomado, muitas vezes, por uma raiva surda, por um ódio que o

estraçalha com um sofrimento profundo. Frequentemente, são pessoas egoístas e tirânicas que não aceitam perder o controle da situação. (Guggenbühl-Craig-1997-16).

As perversões roubam de Eros seu caráter numinoso, relegando-o a condição de marginal e obsceno pela negação da manifestação do corpo e do erotismo. Nessas relações não há trocas, pois não há emoções nem sentimentos envolvidos; Eros está ausente. Caracterizam-se por serem frias, cruéis e desumanas, promíscuas e perversas. Um jogo de poder e violência, onde os parceiros se utilizam um do outro para realizar fantasias individuais. De acordo com Smirnoff (apud- Sales-1990), a perversão é um jogo autoerótico.

A negação da sexualidade é uma afronta também a Afrodite, mãe de Eros e deusa do amor sexual, deusa também da beleza feminina, da sedução, do jogo erótico do amor. Afrodite, quando não é honrada em sua divindade, costuma vingar as afrontas sofridas com a irrupção da sexualidade reprimida de forma destrutiva ou demoníaca. Mãe e filho estão sempre presentes nos nossos conflitos e dificuldades de natureza sexual e relacional. Vez por outra, a alma é confrontada com a realidade de suas deficiências, sejam elas decorrentes de uma educação rígida ou puritana, da cultura na qual estamos inseridos ou daquilo que trouxemos conosco por hereditariedade ou traumas de diversas origens. Somos todos reféns de alguma deficiência que pode afetar-nos em maior ou menor grau.

Como nos diz Guggenbühl-Craig (1997) em seu livro “Eros de Muletas”, postulando a deficiência, a invalidez de elementos da nossa alma como algo comum a todos, como algo tipicamente humano, alguma coisa de natureza arquetípica:

“Todas as coisas vivas, todos os seres humanos, vêm a este mundo deficientes, com alguma coisa ausente, seja por causa da hereditariedade, infecção pré-natal ou trauma de nascimento. Tornamo-nos mais e mais deficientes no progresso de nossas vidas [...] Ter que viver com e reagir a tais deficiências é tipicamente uma situação humana. Já que falamos no arquétipo como uma reação a uma “situação tipicamente humana”, não poderíamos, portanto, concluir que a invalidez é de natureza arquetípica?”

A isso ele chama de arquétipo do inválido: uma reação tipicamente humana, portanto, arquetípica, àquelas deficiências, às falhas, aos vazios que trazemos em nossa alma que não podem ser preenchidos ou curados.

Ele argumenta que há uma deficiência ou uma ausência de Eros por trás de toda invalidez; que Eros, sendo um daimon, um arquétipo que tem por função unir, relacionar, também tem essa mesma função entre os elementos da psique, i. é., de relacionar os arquétipos entre si. O autor lembra que muito pouco foi escrito sobre o relacionamento entre os arquétipos e de como eles influenciam uns aos outros. Considera como decisiva essa influência mútua para o entendimento do comportamento. “A presença ou ausência do relacionamento entre os arquétipos em um indivíduo é o fator determinante de seu caráter e seu destino.” (Guggenbühl-Craig- 1997,17).

Essa seria a tarefa de Eros: relacionar-se com os arquétipos e promover a relação entre eles. Por exemplo, a experiência do arquétipo do inválido pode ser uma bênção ou uma maldição; dependendo da presença ou ausência de Eros, isso pode ser vivido e experienciado com maior ou menor sofrimento . Considerando essa idéia, Eros desempenharia um papel central no funcionamento da psique.

Retomando o conto de Apuleio, haveria, então, motivos para o interesse dos deuses em ajudar e proteger Psique: sem Eros não haveria Psique, sequer haveria deuses. Uma invalidez central seria, então, uma invalidez de Eros, uma deficiência ou ausência desse princípio que rege os movimentos da alma. O que temos aí é um Eros coxo, claudicante que não atua ou atua com dificuldades. A ausência desse princípio determina o que chamamos de psicopatia.

A palavra 'psicopata' carrega uma série de implicações psicológicas, incluindo imoralidade, instabilidade, não confiabilidade e, até mesmo, criminalidade.

“Significa uma personalidade congênita variante que leva a sofrimento pessoal e social. [...] Olhamos para eles como instrumentos do mal e da destruição e, no entanto, eles são meramente inválidos, seres humanos com falta de algo essencialmente humano.” (Guggenbühl-Craig – 1997, 18 e 53)

Na psicopatia, no lugar de Eros encontramos manipulação, controle e domínio. Onde não reina Eros, reina o poder. Jung dizia que o Poder é a antítese do Amor. Se a falta ou deficiência de Eros é o âmago da condição psicopática, os relacionamentos interpessoais e a sexualidade são impessoais e sem amor; não há relacionamentos íntimos. Essa é uma indicação primária da falta de Eros. Experimentar Eros é enraizar-se porque ele nos liga ao específico, ao particular; é ele que proporciona os laços familiares, com o social, com a cultura, com a língua. Todo fenômeno social tem ligação com Eros. Na falta de Eros, não há conexões que nos possam prender.

Compreender o que significa a falha básica de Eros, nos ajudaria, como pessoas e como psicólogos, a entender que existem pessoas das quais não podemos esperar melhorias ou mudanças ou que venham a preencher nossas expectativas. Não há nada que possamos fazer quanto a isso. O que podemos fazer é tentar tornar a vida mais tolerável para eles e para nós em nome do mesmo Eros que não reconhecemos neles. Ou olhar para nossa própria invalidez, que nos constrange e interdita o nosso cotidiano, reconhecê-la e ter paciência conosco mesmos.

Na psicologia junguiana consideramos que nossa alma é habitada por uma legião de deuses a que chamamos arquétipos que determinam e conduzem nossa vida psíquica e que parecem conhecer o plano implícito do si mesmo. Não sabemos porque alguns se agigantam nesse processo e outros apenas se insinuam, mas sabemos que todos têm papel decisivo na nossa vida, pela presença ou pela falta. Não importa como Eros apareça nesse cenário, a habilidade de amar é uma das características decisivas da nossa humanidade. Aceitar essa nossa humanidade com todas as suas falhas e controvérsias também é uma tarefa de Eros.

Eros nos mantém conectados com a vida. Ele mesmo é um princípio vivo que nos arrebatava e põe em movimento a serviço do desejo, da criatividade, da beleza. No conto de Apuleio, Psique o espera pacientemente, e vai ao seu encontro sem questionar-se, entrega-se a ele sem vê-lo, como se fosse a realização inevitável de um destino. Para a alma humana, não será o Amor um destino, seu destino? O de conhecer essa força criativa que exige que a alma se busque e se reconheça como elemento criador, como ser humano único. Essa alma que espera, sonha com a beleza e com a profundidade que é seu destino buscar, sonha com os mistérios do desejo que inflama e que a despertará para o conhecimento de si própria. Talvez, o propósito desse encontro seja o desejo do próprio Eros, procurando tornar-se consciente de si mesmo através do desejo da alma.

Referencias bibliográficas

- BRANDÃO, Junito. Mitologia. V.3. Vozes, Petrópolis. R. Janeiro 1997
- CAROTENUTO, Aldo. Eros e Pathos. Paulus. São Paulo. 1994
- GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolph. Eros de Muletas. São Paulo. 1997.
- HILMAN, James. O código do ser. Objetiva. Rio de Janeiro. 1997
- JUNG, C. G. Sobre o Amor. Ideias e Letras, Aparecida, SP. 2005
- JUNG, C. G. Obras Completas. V. 8 Vozes. Petrópolis. 1991
- PLATÃO. Diálogos. Globo. Porto Alegre. 1945. (Col. Biblioteca dos séculos)
- PEDRAZA, Rafael López. Sobre Eros e Psique. Vozes. Petrópolis, RJ. 2010 (Col. Reflexões junguianas)
- _____ As emoções no processo terapêutico. Vozes. Petrópolis, RJ. 2010 (col. Reflexões junguianas)
- SALLES, C. A. Corrêa; MELO, Jussara M. F. C. (Organizadores). Vetor. São Paulo. 2007. (Col. Anima Mundi)